

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 39
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 188 — Domingo, 13 de Janeiro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

A CRIANÇA E A HIGIENE

ASPECTO da ciência médica que mais tem evoluído nos últimos anos e ao qual está reservado papel preponderante nas futuras organizações sociais é, sem dúvida, a higiene, nas suas diversas aplicações. Este facto é a lógica consequência dos novos rumos da Medicina, agora procurando mais evitar o aparecimento das doenças do que proceder ao seu tratamento. Resultou este grande avanço das conquistas laboratoriais e progressos da experiência científica, permitindo diminuir considera-

velmente, senão mesmo impedir, a eclosão de grande número de doenças, recorrendo-se a meios profiláticos variados e usando de cuidados especiais.

Se bem que tal tendência venha

PELO
DR. ANTÓNIO CORREIA

evoluindo há já muitas dezenas de anos, só agora se verifica uma ampla divulgação dos princípios de higiene nas sociedades, graças ao desenvolvimento das técnicas, a ponto de permitirem essa divulgação, e à necessidade de defesa contra os perigos sempre crescentes do meio ambiente.

Por tais razões se pode verificar a existência de instituições várias de higiene social (física e mental) entre os países mais civilizados, daí resultando os indivíduos transformarem em hábitos próprios da sua personalidade as regras higiénicas que a experiência mostra serem imprescindíveis para uma frutuosa e saudável função na vida actual.

Atingindo este estado da socie-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Onde se conta um caso mui verídico

— Não tenho prevenção de nenhuma espécie contra os médicos. Pelo contrário. Muito lhes dei até hoje que fazer, muitas dores de cabeça...

Isto dizia eu à M. A., minha recém-conhecida, a propósito de um dito espirituoso de Bernard Shaw.

Ela, que também. Que quando estamos doentes não há outra solução.

— Mas você quer ver o que sucedeu à minha prima? Desde pequena os médicos afirmavam ao pai que ela nunca poderia vir a casar-se. Era fatal. Ao primeiro filho, morte certa. Imagine o terror em que se viveu naquela casa, onde nunca entrou uma boneca, numa tentativa de adormecer o instinto maternal.

— E depois? E depois? — perguntou, interessada.

— Depois, nada. O pai escondeu as bonecas, mas não podia esconder os homens. A minha prima casou-se, achou que devia tentar a felicidade.

— Tentou e...

— E lá está, de perfeita saúde...

— Teve um filho?

— Não.

M. A. olhou a minha cara pasmada, sem compreender ainda bem a moral da história.

E acrescentou:

— Não teve um. Teve sete...

Riu, sem dizer porque. Ri também, sem dizer porque. Nós, as mulheres, entendemo-nos à maravilha, sem palavras. Com palavras é que às vezes nos desentendemos. A nossa risadinha esperta queria significar que as mães estão, muito mais

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

D. MARIA MANUELA NUNES

Tem passado incomodada de saúde esta nossa distinta colaboradora e dedicada amiga do nosso jornal, o que a não impediu de mandar-nos, juntamente com a sua habitual colaboração, um gentil cartão de Boas-Festas.

Todos quantos trabalham no «Notícias do Algarve» manifestam à ilustre senhora, muito sinceramente, votos de pronto restabelecimento, agradecendo e retribuindo os seus amáveis cumprimentos.

<A VOZ DE LOULÉ>

Passou a publicar-se semanalmente este nosso prezado colega, que se apresenta com o excelente aspecto gráfico de sempre e com maior formato. Fica, assim, satisfeita uma justíssima aspiração dos louletanos e dos algarvios, em geral, porquanto «A Voz de Loulé» tem sido, desde o seu aparecimento ao público, um dos mais lúdimos e esforçados defensores dos interesses desta nossa esquecida Província.

Por tal facto, felicitamos, muito sinceramente, o sr. dr. Jaime Guerreiro Rua, seu ilustre director, desejando-lhe, e ao jornal que tão brilhantemente dirige, as maiores prosperidades.

“TEMOS BÚSSOLA NÃO NOS PERDEMOS”

NO final do ano de 1956, a vinte e oito do mês de Dezembro, saía a lume na Imprensa o Orçamento Geral do Estado relativo ao ano de 1957. Dizia no Relatório o ilustre ministro das Finanças: — «Relativamente aos princípios financeiros, importa salientar que o orçamento para 1957 se apresenta equilibrado, reflectindo os critérios enunciados e justificados na proposta da lei de autorização.» Evidencia-se assim a continuidade do equilíbrio orçamental e das Contas do Estado, desde quando o estabeleceu Salazar, em bases sólidas e definitivas, como verdadeiro Mestre, que era, de Finanças Públicas. De harmonia com tais princípios de equilíbrio, a expressão global do referido Orçamento, em milhares de contos, é a seguinte: — 6.303,2, de receitas ordinárias; 1.699,4, de receitas extraordinárias; total dumas e doutras, 8.002,6. Despesas normais ou ordinárias, 6.198,1; despesas extraordinárias, 1.799,4; total dumas e doutras, 7.997,5. A diferença dá o saldo positivo pre-

visto de 5,1. Diz o Relatório: — «Na linha de orientação seguida, prevê-se um saldo diminuto, que a execução orçamental costuma ultrapassar folgadamente, reduzindo-se também a parte da despesa extraordinária com a contrapartida em receita ordinária.» Tornamos a dizer: — a continuidade do equilíbrio orçamental é um facto definitivamente estabelecido, e nele assenta o nosso progresso, como a nossa vida tranquila, ainda em meio de dificuldades — dificuldades reflexas

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Novo Cônsul de Espanha

EM FARO

Para a vaga deixada como cônsul de Espanha em Faro pelo sr. Don Enrique Suárez de Puga y Villegas, que foi colocado em Chicago (E. U. A.), foi nomeado pelo governo do país vizinho o sr. Don Angel de la Mora y Arena, que tem a categoria de Ministro Plenipotenciário de 1.ª classe.

O novo titular, diplomata muito distinto que anteriormente exercia funções como Cônsul Geral da Espanha em Marselha, tomou posse do seu novo cargo na capital algarvia no passado dia 9 do corrente.

ENG. SEBASTIÃO RAMIREZ

Acompanhado de sua esposa, passou a quadra festiva do Natal na sua vivenda da Quinta de Cima, em Cacela, o nosso ilustre conterrâneo, prezado amigo e assinante, sr. engenheiro Sebastião Garcia Ramirez, deputado pelo Algarve.

NOVIDADE LITERÁRIA

“RECANTOS FARENSES” de ANTÓNIO VICENTE CAMPINAS

CAMINHEIRO incansável e entusiasta das letras, António Vicente Campinas não despreza a oportunidade, sempre que se lhe oferece ensejo de fixar, em prosa ou em verso, os pequenos quadros da vida que roçam por nós quotidianamente. Uma vulgar cena da rua, uma frase perdida na multidão, um poente afogueado ou um sorriso em festa, são outros tantos motivos que ferem a sua apurada sensibilidade de poeta, levando-o a transmitir ao papel as suas «impressões», de que resultam — como no caso de «Recantos Farenenses», o seu último livro, recentemente publicado — felizes instantâneos, aguarelas e esboços, que se contemplam com agrado e simpatia.

«Recantos Farenenses», contrariamente ao que o seu título pode sugerir, não é um roteiro árido e seco da capital do Algarve. O autor não mergulhou nos compêndios de História, escabichando no vasto manancial de factos que ilustram e enobrecem os pergami-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



A. VICENTE CAMPINAS

ANÚNCIOS E EMPREGOS

LEITOR, por certo, já teve ocasião de ler, nas páginas dos grandes jornais, determinados anúncios de pedidos de empregados, em que se exige aos candidatos um limite de idade. Todos aqueles que vivem o drama do desemprego e a ansia legítima de encontrarem uma ocupação na sociedade que faça deles homens úteis e lhes proporcione ganharem o pão de cada dia, sentem quanto de anormal e ingrato encerra essa imposição a homens que, desejando trabalhar, se vêem excluídos do combate da vida apenas pelo facto de,

sem culpa sua, terem atingido os trinta e cinco ou quarenta anos. O drama implícito na secção de «Pedidos» é, sem exagero, uma das tragédias mais cruciantes e demolidoras que o homem contemporâneo sofre nestes difíceis dias que vivemos.

Não pretendemos discutir a le-

gitimidade que assiste a qualquer entidade patronal de exigir aos seus servidores uma determinada idade, já que reconhecemos que um homem novo, gozando de boa saúde e com boas reservas de energia, está em melhores condições do que um outro gasto por anos de trabalho ou, no pior dos casos, exausto por uma vida de ociosidade forçada — o desemprego temporário ou permanente. E a ideia dessas energias latentes, em potência, um capital ainda por aproveitar, evidentemente, que está no espírito de todos que redigem e publicam anúncios semelhantes aos de que estamos tratando. À face da moral, afiguram-se-nos incontestável que essa imposição roça pelo absurdo e o desumano, mas todos sabemos

N. RODRIGUES PENA

que os assuntos de ordem económica regem-se mais por motivos lucrativos do que por princípios estritamente éticos. Num mundo onde os interesses estão bem longe de se harmonizarem, é um erro pretender resolver os problemas de ordem social através de medidas filantrópicas, apelos ao bom senso ou à moral, desde que se não cure, por meio de leis eficientes, assegurar a todos o direito ao trabalho, que é, como quem diz, o direito à existência. Não é, pois, nossa intenção discutir as razões ou ausência de razões dos

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



CALDAS DE MONCHIQUE — Terra da Francesa

(Óleo do pintor Lyster Franco)

MAIS CORTIÇA NO PATRIMÓNIO COMUM

NÃO temos a veleidade — longe de nós tal pretensão — de supor influenciáveis os nossos artigos sobre agricultura, nomeadamente no aspecto superior da Administração Pública.

Mas tanto temos escrito sobre subcultura, tanto temos citado números reais e casos reais do nosso problema agrícola, confinante com este aspecto silvícola, que já nos parece imperpetuante, rematado abuso, voltar de novo a eles.

Esta vez, porém, como que somos solicitados pela oficialização de um novo movimento de intensificação silvícola do Ministério da Economia e trata-se, nada mais nada menos, da Campanha Nacional do Sobreiro. Felizmente que, há muito, lavradores previdentes e conscientes tinham lançado mãos à obra e que de há 20 anos para cá a nossa charneca de sobreiros

foi espantosamente enriquecida com milhões de árvores. Porém, está muito aquém do óptimo, quer a densidade florestal por hectare quer o número de hectares de sobreiro na área nacional.

O dia 22 de Dezembro de 1956, considerado muito justamente o «dia nacional do sobreiro», marca o início da planificação nacional da nossa arborização suberícola.

Simultaneamente, em Mirandela e no Crato, respectivamente, os srs. subsecretários de Estado do Comércio e Indústria e da Agricultura lançaram à terra as primeiras de 150.000 litros de landes, a cobrir mais de 3.000 hectares durante o ano corrente. Será uma sementeira, obedecendo aos preceitos do grande técnico Vieira Natividade, que se solidariza com o movimento e tudo nos leva a crer que enquanto os objectivos que se propõe não estiverem devidamente concretizados, não esmorecerá mais. Ora estes apreendem-se das palavras do prof. eng. Vitória Pires, que disse perante a la-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

IMPrensa

“ODEMIRENSE”

Com a publicação do n.º 49, entrou no seu 3.º ano de publicação o nosso prezado colega que se publica na vila de Odemira.

Pelo facto, endereçamos ao seu director e a todo o corpo redactorial votos de continuidade.

apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

ESTA história das pequenas grandes questões julgadas, principalmente, nos tribunais de polícia merece uma nova crónica.

A lei estabelece determinadas normas a que certo número de indivíduos são forçados a submeter-se. Quando, porém, se prova que a autoridade foi exer-

cida arbitrariamente e o juiz, baseado na Lei e na consciência, absolve o acusado, nada acontece ao acusador.

Mas, afinal, porque? Se há indivíduos que têm de responder pelos seus actos porque a lei assim o determina, porque é que aqueles outros indivíduos que pro-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Passou a quadra festiva do Natal em Loulé, acompanhado de sua esposa, o nosso ilustre comprouviciano e prezado assinante, sr. coronel Manuel de Sousa Rosal, ilustre deputado pelo Algarve e director da Manutenção Militar.

Com pouca demora, estiveram nesta vila os nossos prezados amigos e assinantes em Lisboa, srs. engs. Carlos José e Jorge Manuel Freire Medeiros.

Acompanhado de sua esposa e filha, esteve em Odeleite, de visita a sua família, tendo já regressado a Loulé, o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. António Joaquim de Almeida, chefe da secretaria da Câmara Municipal daquela vila.

Acompanhado de sua família, esteve em Castro Marim, a passar as festas do Natal, o nosso estimado amigo e assinante sr. António Eleutério Antunes Costa, chefe da Secção de Finanças de Loulé.

Também acompanhado de sua família, esteve em Alcoutim o nosso querido amigo e prezado assinante sr. José Rita Júnior, tesoureiro da Fazenda Pública em Loulé.

Passou as festas do Natal na sua casa de Monte Gordo, acompanhado de sua esposa e mãe, o nosso ilustre colaborador e prezado amigo sr. tenente-coronel dr. Vasco Martins, chefe da 3.ª Repartição da Administração Geral do Exército.

Regressou de Torres Novas, onde passou a quadra festiva, à sua casa de Faro, o nosso prezado amigo sr. prof. Virgílio Ferreira Fagúlia, ilustre director escolar do Algarve.

Acompanhado de sua filha e genro, esteve no Algarve o nosso ilustre comprouviciano e prezado assinante, sr. Hermenegildo Neves Franco, presidente da Comissão de Propaganda e Turismo da Casa do Algarve em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila o nosso estimado assinante e amigo sr. dr. Armando Celorico Drago, residente em Lisboa.

Acompanhado de seu filho, retirou para Sta. Maria (Acores) onde reside o nosso prezado amigo e assinante sr. António José Palermo, mestre de fabricação de conservas de peixe.

Já restabelecido encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. tenente-veterinário dr. Santiago João Carrilho Medeiros.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o sr. Alexandrino C. Miguel, nosso prezado assinante em Lisboa.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. José Saraiva Rosa, residente no Funchal.

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante em Lourenço Marques sr. Francisco Rodrigues Mortágua.

Regressou a Lisboa o aluno da Escola do Exército sr. António João C. Rulvino, acompanhado de seu pai, sr. António dos Anjos Rulvino.

A fim de assistir ao casamento de sua irmã, esteve nesta vila a sr.ª D. Maria Fernanda Correia Ribeiro Alves de Castro Lemos Pinto (Santo António), residente em Albergaria-a-Velha, que era acompanhada de suas gentis filhas Ana Lídia e Maria Margarida Ribeiro Pinto.

A fim de passar as festas do Natal com sua família, estiveram em Lisboa a sr.ª D. Elvira Guerreiro Soares e sua sobrinha Arminda Guerreiro Gomes Néné, filha do nosso prezado assinante sr. Homero Gomes Néné.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Aveiro o nosso prezado amigo e assinante sr. Artur Bento, residente nesta vila.

Foi a Lisboa, donde já regressou, o nosso assinante sr. Firmo Gomes Toledo, acompanhado de sua cunhada sr.ª D. Francisca Parreira.

Casamento

Na Igreja paroquial desta freguesia, realizou-se no dia 7 do corrente o enlace matrimonial canónico, por procuração, da sr.ª D. Ana Alzira Correia Ribeiro

PELA VILA

Nova Filarmónica

Parece que vai ser uma realidade a reorganização da antiga filarmónica local, há tanto silenciosa, e que parecia defunta para sempre...

Sabemos que a M. P., de acordo com a nossa Câmara, está empenhada em formar um novo agrupamento filarmónico, com os restos do antigo instrumental existente e outro que há-de ser adquirido para completar os «naipes» requeridos. Para os trabalhos de organização das lições de solfa aos alunos e respectivos ensaios encontra-se nesta vila o antigo músico, nosso conterrâneo, sr. Manuel Lopes Mória, que já tem a seu cargo 40 aprendizes, por enquanto, o que é encorajante.

Queira Deus que seja desta vez que as boas-vontades se concretizem em frutuosas realizações em favor do nosso concelho, amparadas devidamente por quem tem meios para o fazer

Aformoseamento das ruas

Nos cruzamentos das ruas

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

do que os sábios, no segredo dos deuses.

ii...

Se a terra árida e torpa me disser que desta vez, sim, dará trigo e rosas, é evidente que não conseguirá demover-me.

Porque em verdade te digo que é uma terra amaldiçoada.

Se alfaiates da treva apregoarem para os meus ombros asas de anjo, é evidente que não conseguirá demover-me.

Porque em verdade te digo que as asas só levarão ao inferno.

Se o génio do Infortúnio me disser: Teu jardim será arrazado, teus olhos varados, teus peitos mordidos, teus santos lugares ofendidos. Mas confia em mim, pois com isso é a felicidade que te ofereço; se tal me disser é evidente que não conseguirá demover-me.

Porque em verdade te digo que a hora das trágicas ironias já passou.

Sim, abrir uma clarabóia

Durante as noites húmidas que têm feito, a janela está, de manhã, completamente embaçada. O meu primeiro gesto, um gesto maquinal, é abrir uma clarabóia no bafo que a noite deixou no vidro.

A sensação de angústia desaparece. A sensação de estar entalpada, entendem? Ou no fundo de um poço, ou na barquinha de Piccard, a não sei quantos quilómetros de esquecimento nas entranhas marítimas.

Fico algum tempo a olhar a rua, o jardim em frente, o pai-deiro que passa a fazer a distribuição, batendo às portas, lépido e feliz como a manhã. Algum tempo, como que a tomar pé, nesse instante em que, como diz Manuel Bandeira, «cada sentido é um dom divino.»

Alves, filha da sr.ª D. Ana Correia Monchique Ribeiro Alves e do sr. Manuel Francisco Ribeiro Alves, regedor local e carcereiro desta comarca, com o sr. Alfredo Caetano Bandeira Rodrigues, filho da sr.ª D. Julieta Caleça Bandeira Rodrigues e do sr. Alfredo da Cruz Rodrigues, residentes em Moçambique.

A cerimónia nupcial, seguida de Missa, foi celebrada pelo rev. pároco desta freguesia, rev. Prior Galhardo Palmeira, que proferiu uma alocução apropriada à circunstância.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues Lopes e o sr. António Domingues Guerreiro, gerente industrial, e por parte do noivo, a sr.ª D. Ana Maria do Natal Capa Horta Correia de Ramirez e seu marido, sr. Frederico Manuel Sanches Ramirez, gerente industrial.

A recém-casada, a quem desejamos muitas felicidades, bem como a seu marido, seguiu viagem para Lisboa, donde partirá para o Donde-Beira (Moçambique), no próximo dia 17, por via aérea.

Dr. Sousa Martins, D. Pedro V e Dr. António Passos com a rua Teófilo Braga, a parte terminal das respectivas artérias está a ser ajardinada, para embelezamento daqueles locais.

Atenção aos trabalhos!

Pedem-nos alguns assinantes nossos que chamemos a atenção de quem de direito para o facto de estarem a ser colocados os poços de esgotos, na parte sul da rua Jacinto José de Andrade, sem que se tenha colocado a devida sinalização quer nesta artéria quer nas transversais, o que pode ocasionar acidentes aos moradores nas cercanias ou transeuntes ocasionais.

Antes que algum desastre sério venha dar triste razão aos nossos reparos, solicita-se a atenção de quem superintende nos citados serviços de pavimentação para o cumprimento da determinação superior que impõe a sinalização com luz vermelha, à noite, sempre que haja obras nos pavimentos das ruas, tanto mais que aquela artéria nem iluminação tem.

Montureiras

Apesar de ter sido intensificada, de há tempos para cá, a limpeza de vários locais públicos da vila, ainda se verifica, nalguns sítios da zona urbanizada, a existência de montureiras, que constituem perigos para a saúde pública.

Assim, junto ao Dispensário do I. A. N. T. e também na rua dos Centenários, há quem faça destes locais vazadouros de imundícies e lixos.

Não há que ter contempções com os causadores destas vergonhas e atentados à saúde alheia.

Regulamentação do Trânsito

Torna-se cada vez mais urgente a necessidade de ser regulado, em termos, o trânsito na nossa terra, devido a que estão a registar-se, quase diariamente, colisões de veículos, as quais, só por felicidade, até agora, não revestiram aspectos fatais.

Se há problemas urgentes no concelho, este é um deles.

Falecimentos

D. Virgínia Cardoso Martins

Em Olhão, onde há muitos anos reside, faleceu no dia 5 do corrente a sr.ª D. Virgínia Cardoso Martins, viúva de Emiliano Augusto Martins, falecido em Novembro transacto, de 78 anos de idade, natural desta freguesia.

A saudosa extinta era irmã do nosso prezado assinante sr. Arménio de Sousa Cardoso, industrial, e mãe das sr.ªs D. Jesuína Cardoso Martins da Encarnação, D. Dorila, D. Arménia, D. Maria José, D. Francisca Eufémia, D. Virgínia, D. Idália e D. Odília Cardoso Martins.

A família enlutada, apresentamos sentidos pésames.

D. Maria Angústia Rio de Jesus

No passado dia 7 do corrente, faleceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, a sr.ª D. Maria Angústia Rio de Jesus, de 52 anos, natural desta freguesia.

A saudosa extinta, que deixa 5 filhos menores, era casada com o sr. Joaquim Guerreiro de Jesus, negociante de frutos, e era filha do sr. Eleutério Rio, já falecido, e de D. Rosa Salas, e irmã do nosso prezado assinante em Alcoutim, sr. António Rio Salas.

O seu funeral, a cargo duma agência da capital, realizou-se, em auto-funerário, para esta vila, no dia 10, tendo-se realizado turnos de pessoas amigas desde o sítio do «Encalhe» até ao cemitério local.

A família enlutada, apresentamos sinceras condolências.

PROVINCIA

PADERNE

Bodo aos pobres

Realizou-se no passado domingo, dia 6, numa das salas da Casa do Povo desta freguesia, um bodo aos pobres. A esta cerimónia assistiu o delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, sr. dr. António Teixeira Marques, o grande benemérito sr. António Libânio Correia, a Direcção e Assembleia Geral da referida Casa do Povo, Direcção da Junta de Freguesia, Autoridades desta terra e uma numerosa assistência, que deu uma nota de alegria a este magnífico auxílio aos pobres da freguesia.

As ofertas constaram de roupas de indumentária masculina e feminina, calçado e roupas de cama e ainda enxadas aos sócios efectivos da Casa do Povo que não dispunham de fundos para a compra das referidas ferramentas, sendo beneficiados muitas dezenas de pobres.

O que todos desejamos é que este significativo acto seja repetido todos os anos, como aliás até aqui, não sem o esforço do incansável sr. Manuel Henrique Passos e da Direcção da Casa do Povo.

Brinquedos para crianças

Presidido pelo Delegado Nacional de Trabalho, sr. dr. António Teixeira Marques, e pela sr.ª dr.ª D. Nidia Ferreira Neto, delegada distrital do I. A. F., realizou-se uma sessão cultural, em que falaram o sr. delegado, o sr. António Libânio Correia e o sr. Manuel Henrique Passos, tendo sido calorosamente aplaudidos pelas suas brilhantes palestras acerca da Casa do Povo e da Vida Rural e Urbana.

Foram, depois, distribuídos pela sr.ª delegada e pela esposa do sr. Correia, a mais de 400 crianças, um lanche e vistosos brinquedos, que encheram de alegria os corações da petizada.

A terminar, foi oferecido pelo distinto benemérito sr. António Libânio Correia um banquete a todos os presentes.

Mais um episódio a gravar no livro d'ouro desta localidade. — C.

TAVIRA

Legião Portuguesa

No passado dia 24 de Dezembro, efectuou-se no quartel da Lança de Tavira uma distribuição de donativos, denominada «Natal do Legionário», pelos legionários mais necessitados. A referida distribuição constou, na totalidade, de géneros Esc. 20\$00 e dinheiro 150\$00.

Espectáculo de caridade

No cinema local, realizou-se, no dia 7 de Janeiro, um espectáculo promovido pela Comissão de Senhoras de Caridade, em benefício do «Agasalho do Pobre» interessante organização existente nesta cidade, que costuma distribuir anualmente, no inverno, cobertores e agasalhos pelos necessitados. O referido espectáculo constou de um acto de variedades por amadores locais e dum filme americano de grande metragem.

Banda de Tavira

Encontram-se em férias, há mais de 15 dias, os componentes desta Banda, não se realizando, por isso, as suas actividades: concertos musicais e ensaios. Fezemos votos para que em breve possamos ouvi-los novamente no jardim, nestas tardes boas que o tempo nos está a proporcionar.

Noite de S. Silvestre

A passagem do ano, em Tavira, revestiu-se este ano de excepcional brilho. O «Café Arcada», como de costume, bateu o «record» da alegria e de bem servir. O «Café Imperial» e o «Café Americano» (antigo Cunha), tiveram também farta concorrência com as suas ceias de Fim de Ano. Em ambos foram distribuídos brindes aos seus clientes, nessa noite. Agradecemos os convites recebidos.

Contribuições

Causou certa surpresa a cobrança incluída nas contribuições da «Derrama» de 8% sobre as contribuições do Estado, que se está a cobrar para o Hospital de Tavira, durante dois anos, neste concelho. Isto porque em devido tempo foi anunciado publicamente que os impostos não eram aumentados. Quem vai sofrer com isto são diversas associações locais de assistência, pois principalmente o comércio vai evitar de contribuir com mais verbas, sendo obrigado a pagar a «derrama» ao Hospital.

Luz eléctrica

Agora, depois do contrato feito com a Aliança Eléctrica do Sul, volta a faltar a luz em Tavira, nas horas de mais necessidade. Há zonas apagadas, outras com falta de voltagem, a qual nem consegue acender a luz fluorescente.

Segundo informações colhidas, dizem-nos que se trata de deficiências na instalação aérea de Tavira. Chamamos a atenção de quem de direito para se acabar, de vez, com estas interrupções, pois quem paga, e por bom preço, não deve estar sujeito a estas faltas, que se podem remediar. — C.

ODELEITE

Donativos da «Caritas»

No fim do pretérito mês de Dezembro, foram distribuídos géneros alimentícios, pelo nosso rev. pároco, padre António Henrique Oliveira. Como se sabe, estes auxílios são ofertas do povo americano, por intermédio da «Caritas», ao povo português mais necessitado.

Bem haja tal iniciativa, por vir dar um pouco de conforto, nesta quadra festiva, aos lares mais pobres.

Não nos foi dado assistir à distribuição, mas por informações posteriores, sabemos que há pessoas, que tendo aliás vida desafogada, lastimam-se de não terem sido auxiliadas.

A ser certa a informação, não faz sentido que quem tem de colheita e criação, trigo, milho, azeite e carne, queira beneficiar da oferta e receber o que ficaria fazendo imensa falta a tantos desprotegidos da sorte.

Talvez se nos recordássemos, com altruísmo, das crianças húngaras, mostraríamos o desejo de acolher uma em nossas casas, em vez de pedir ou receber auxílios de que não necessitamos. Assim é que está certo.

ombos

Como uma praga, aparecem estas «inotensivas» aves, — no dizer dos donos — em bandos que, no conjunto, formam centenas.

Seja por prazer ou por necessidade dos criadores, o que é um facto concreto é que as mesmas fazem incalculáveis prejuízos nas sementeiras e colheitas futuras. Não conhecemos código, lei ou regulamento sobre a sua criação e consequente manutenção, mas afigura-se viável a sua exterminação parcial.

Proliferas, como são, o seu aumento é espantoso.

Mal rompe o dia, ei-las, guiadas pelo instinto de conservação, cruzando os ares, para voltar já quase noite.

Os nossos columbófilos regionais talvez não gostem da notícia mas... há verdades amargas.

Casamento

Tendo como celebrante o rev. padre António Henrique Oliveira, realizou-se em 23 de Dezembro, na Igreja de Nossa Senhora da Visitação, nossa excelsa padroeira, o enlace matrimonial da menina Vénus dos Santos Teixeira, filha do sr. Francisco H. Teixeira, proprietário, e da sr.ª D. Adalina dos Santos Teixeira, com o sr. Mário Rodrigues Dias, filho do sr. António Baltazar, G. Fiscal, reformado, e da sr.ª D. Hermínia dos Mártires Xavier. Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Ivone Cortes de Almeida, esposa do nosso prezado conterrâneo dr. António J. d'Almeida, e o sr. João Madeira Rosa, conceituado comerciante; e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Guilhermina Madeira e o sr. Mário Xavier de Brito, proprietário, tendo o reverendo celebrante, em alocução, exposto a transcendência do acto nupcial.

Após a cerimónia, foram servidos em casa da tia da noiva, D. Guilhermina da Conceição Santos, e em casa dos pais, copos-de-água, onde houve brindes pelas prosperidades dos noivos.

Depois, à noite, a seguir ao jantar, houve animado baile.

Ao novo casal, que fixou residência em Odeleite, donde ambos são naturais, desejamos as mais duradouras felicidades.

Notícias Pessoais

Com sua esposa e filho, veio fixar residência em Odeleite o nosso amigo sr. Aquilino Custódio, que vem exercer a sua profissão. E' genro do nosso prezado amigo e assinante sr. Filipe Luís Madeira, conceituado industrial.

Encontram-se entre nós os srs. João e Manuel da Silva Sales, residentes em Lisboa, que vieram passar as festas com seus pais.

Também no passado mês de Dezembro, tivemos o grato prazer de cumprimentar, em Odeleite, os srs. Manuel Baltazar 1.º cabo da G. N. R. em Lisboa, e nosso prezado assinante, António Baltazar e José Martins Afonso, que era acompanhado de sua esposa.

Natal, Ano Novo e Reis

Com a tradicional Missa do Galo, foi passada mais essa data festiva e comemorativa, assim como as duas datas festivas, seguintes, em que houve também cerimónias religiosas. E' bom frizar o trabalho exaustivo do nosso rev. pároco, que teve de assistir a três freguesias.

Mais pequenas diversões para os novos, e encerrou-se, mais uma vez,

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António
De 5 a 11 de Janeiro:

TRAINEIRAS

Liberta	69.430\$00
Raulito	64.730\$00
Flor do Guadiana	58.410\$00
Triunfante	45.220\$00
Agadão	20.330\$00
Deolinda Rita	14.615\$00
Praia Amélia	13.050\$00
Costa Azul	10.780\$00
Ramira	8.635\$00
Infante	7.850\$00
Clarinha	6.660\$00
Lola	6.190\$00
Luis Fernando	4.445\$00
Briosa	3.650\$00
Pérola Algarvia	2.980\$00
Pérola do Oceano	2.600\$00
Sr.ª da Piedade	2.590\$00
Borges do Régo	2.250\$00
Persistente	1.950\$00
Novo S. José	1.870\$00
Mirita	1.780\$00
Restauração	1.590\$00
Milita	1.180\$00
Rajada	680\$00
Tóluis	190\$00
Total	353.655\$00

CERCO

Novo Machado. 145\$00

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António
De 4 a 10 de Janeiro:

Entrados:

COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 12 a 18 de Janeiro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.



Agradecimento

ANGELINA DAS DORES

José Custódio, Joaquim Sebastião Rainha e sua esposa, por insuficiência de direcções e receosos de cometerem qualquer falta, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar e que acompanharam o funeral de sua esposa, mãe e sogra.

Quem perdeu?

Encontram-se depositados no posto local da P. S. P. e serão entregues a quem provar pertencer-lhes os seguintes objectos:

Uma carteira de plástico e uma samarra, que foi deixada pelos ocupantes da furgoneta HD-20-23.

CINE-POZ

Hoje, apresenta um sensacional programa duplo.

Tempos modernos, com Charlie Chaplin (Charlot), o maior génio do Cinema, na sua maior comédia.

Em complemento, um filme carregado de tensão dramática, Ainda acontecem milagres.

Uma cidade que arde em ira, empenhada na sua própria destruição, até que a dor de uma mãe une todos os esforços isolados num trabalho construtivo. (Espectáculo para maiores de 13 anos).

Terça-feira, 15, a Empresa deste cinema tem a honra de apresentar em «reprise», a preços normais, Charlie Chaplin em Luzes da Ribalta.

Dois grandes revelações Claire Bloom e Sydney Chaplin. Uma obra prima de lágrimas e riso. (Espectáculo para maiores de 13 anos).

COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

esta quadra de festas, numa época de guerras e de dor. Embora, felizmente, o não sintamos directamente, sentimos-lhes os reflexos desoladores. — C.

Em prol dos Bombeiros

PARA auxiliar a construção do Quartel, os amigos dos Bombeiros concorreram com mais donativos. A comissão coordenadora do auxilio a prestar aos nossos Bombeiros na edificação de um quartel-sede, de que estes bastante necessitam, foram entregues mais as seguintes importâncias:

Transporte	15.756\$90
Manuel Viegas da Graça	20\$00
José Guilherme	2\$50
Anónimo	2\$50
Conceição	1\$50
Anónimo	1\$00
António Serrano	2\$60
Zé Luis	2\$50
Juros por depósito da C. G. de Depósitos	256\$10
Soma	16.045\$60

A todos se agradece, muito reconhecidamente.

“TEMOS BÚSSOLA NÃO NOS PERDEMOS”

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

inevitáveis do desequilíbrio e incertezas da vida internacional. Aumentaram as despesas públicas — segundo se vê no mesmo Relatório — dado que provém do factor demográfico (ou seja aumento de população), da criação ou reforma de serviços, da intensificação da vida internacional, dos encargos de defesa e do desenvolvimento económico e social dos territórios ultramarinos. É a vida da Nação em crescimento e é a defesa da sua autonomia, em todos os aspectos: — verdade intuitiva para todo e qualquer. Quanto às receitas ordinárias, a respectiva previsão alcança, pela primeira vez, a ordem dos seis milhões de contos, mas não vem isto da criação de novas receitas ou do agravamento das receitas existentes, senão do desenvolvimento natural de matérias colectáveis e de alguns rendimentos do Estado, etc., o que tudo está de harmonia com a vida da Nação em crescimento e progresso. Uma prova de que as finanças do Estado Corporativo não asfixiam a vida da Nação, no seu desafio

e progresso, ei-la no que acabamos de dizer. Donde vem que ainda hoje, como sempre, as finanças do Estado dependem da vida da Nação, e para a vida da Nação existem, no momento e no mais. Este Orçamento no-lo está a dizer, ou a confirmar o que dizemos, embora verdade inconcussa desde que se sanaram as finanças do Estado com Salazar, primeiro passo indispensável ao ressurgimento nacional: — Para os estabelecimentos hospitalares — o que interessa à saúde pública — 150 mil contos são a dotação do ano de 1957. 705 mil contos, para investimentos do Plano de Fomento, com que se tem alimentado e feito progredir, em ponto grande, o nosso desenvolvimento económico, na Metrópole e no Ultramar, parte que é integrante da Nação. Para obras de assistência, em todos os aspectos, 15 mil contos. Para a construção de escolas e para material didáctico, 100 mil contos. Estas as verbas ou dotações que porventura interessam mais ao comum dos portugueses, e que constam do Orçamento do Estado referente ao ano de 1957. E são estes e outros investimentos superiores aos do ano findo de 1956, em 250 mil contos.

Voltamos a dizer: — a continuação no equilíbrio e na gestão das finanças do Estado mantém-se, e na sua manutenção está o segredo da nossa vida progressiva, económica e materialmente; a continuidade em fazer reverter os dinheiros da Nação em favor dela, do seu progresso e autonomia, pela criação e aumento de riqueza nacional, também se mantém, segundo o pensamento e as normas de Salazar, que tudo isto começou e estabeleceu, para nosso bem. Imperativos que se impõem na gestão de 1957, como diz expressamente o ilustre ministro das Finanças: — «moderar os gastos não reprodutivos (ou que dêem rendimento), no plano financeiro; manter elevado o grau de liquidez, na ordem monetária; prevenir a correcção de desequilíbrios eventuais, susceptíveis de provocar tensão sobre os preços de certos bens e serviços.» Eis, na mais perfeita unidade de sempre, a gestão administrativa e financeira do Estado Corporativo. Diz o ministro: — «Algumas dificuldades concretas se divisam já no horizonte, e outras, porventura, surgirão ainda; mas o País poderá vencê-las, se souber conservar intactas as raízes da sua confiança, prosseguindo, ampliando, completando a obra de quem, felizmente, continua a ditar-lhe os rumos.» Quem, felizmente, continua a ditar-nos os rumos, sabemos todos quem é: — Salazar. «Temos bússola. Não nos perderemos», disse ainda o ilustre ministro das Finanças; e a bússola é Salazar, o português de entre os maiores de toda a História — nossa e do mundo inteiro — que Deus escolheu para nos salvar da ruína e nos guiar, por sinal na época mais tormentosa de todas as épocas do mundo. Saibamos corresponder todos à graça que Deus, em Sua misericórdia, nos fez, por intermédio de Maria, dando-nos Salazar, a bússola que nos não deixa perder, na confusão dos tempos de hoje, *mare magnum* de incertezas, como de ódios fígdais.

A. da F.

Visado pela Comissão de Censura

VENDEM - SE

22 caixas novas, de 60, para peixe, e 46 caixotes, vazios, de tabaco. Respostas ao apartado n.º 2, nesta vila.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1956.
O Chefe da Secção,
a) António Figueiras da Cruz
Verifiquei:
O Juiz de Direito,
a) Francisco Nunes Correia



DESPORTO

FUTEBOL BASQUETEBOL

CAMPEONATO REGIONAL DO ALGARVE

Disputou-se, no último domingo, dia 6, a 9.ª jornada do Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se verificado os resultados a seguir transcritos:

Louletano, 0 — Lusitano, 3
Esperança, 2 — Unidos, 1

Analizando os resultados, verificamos que o Louletano perdeu no seu burgo, frente ao Lusitano, não conseguindo sequer marcar um golo e sofrendo três, o que deixa perceber o maior poder demonstrado pelo clube vilarrealense ao longo da partida.

Já o Esperança foi mais feliz, pois conseguiu vencer o Unidos pela marca tangencial de 2-1, o que exprime bem as dificuldades encontradas.

No último desafio da ronda, o Silves arrecadou os respectivos pontos, em virtude de ter sido marcada, pela Associação, falta de comparência ao Boa Esperança, por ter alinhado com um elemento não legalizado.

Entretanto, no desafio em atrazo, Boa Esperança-Louletano, saiu vencedor o primeiro pelo «score» de 3-2.

Falta, portanto, uma só jornada para termo do Torneio, sendo desde já campeão virtual o Lusitano, que tem demonstrado ser, na verdade, a melhor equipa — ainda não conheceu o amargor da derrota — e desta maneira a sua vitória final é o desfecho lógico e certo da supremacia evidenciada no fim das nove jornadas já cumpridas.

Das outras equipas que acompanharão o grupo da vila pombalina ao Campeonato Nacional da III Divisão, um há que já tem também lugar assegurado, o Esperança, faltando, portanto, saber qual dos dois «teams», Unidos Sambrazense ou Silves, será o companheiro dos dois grupos já apurados, Lusitano e Esperança.

Isso é o que se irá ver na jornada derradeira do Torneio.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Lusitano	9	7	2	—	36-11	25
Esperança	9	6	1	2	24-13	22
U. Samb.	9	3	2	4	16-18	17
Silves	9	2	4	3	16-20	17
Boa Esp. (a)	9	2	1	6	10-21	13
Louletano	9	1	2	6	9-26	13

(a) Tem 1 falta de comparência.

Jogos para hoje:

Esperança-Boa Esperança
Lusitano - Silves
U. Sambrazense-Louletano

CAMPEONATO DISTRIITAL DE JUNIORES

Excelente vitória dos silvenses, em Portimão, e bom empate dos rapazes de Faro frente ao clube da vila cubista.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Olhansense	7	5	2	—	12-3	19
Farense	7	4	2	1	12-5	16
Silves	8	4	—	4	11-9	16
Lusitano (a)	7	2	—	5	4-18	10
Portim. (b)	7	1	—	6	0-3	5

(a) Tem 1 falta de comparência.

(b) Tem 4 faltas de comparência.

Jogos para hoje:

Lusitano - Olhansense
Farense - Portimonense

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CRÓNICA DE OLHÃO

IMPRESSÕES

DISTO E DAQUILO

JANEIRO, hora cinzenta — esta necessidade de escrever, de sujar de tinta folhas e mais folhas de papel; este impulso insano de martelar as teclas da máquina enquanto os caracteres se formam e se definem; este desejo intraduzível de exprimir para os outros o que na maior parte das vezes é inexprimível para o próprio autor; esta insatisfação, esta sensação indefinível, — eis o mistério que envolve o humilde aprendiz filantropo que se debruça sobre a vida e tenta resolver alguns dos seus problemas.

Janeiro, momento musical — música gritante, estridente, ritmada, a puxar pelo sensual, pela exacerbação primitiva. Ao ouvi-la, sinto-me em pleno sertão, estendido na catanga húmida e áspera, observando um batuque frenético, os corpos oleosos e suados a atirarem-se e a repelirem-se furiosamente. Mas o feiticeiro faz um gesto e o silêncio cai subitamente. E a entrega dos prémios ao par vencedor decorre sob um aluvião de sorrisos e pétalas: uma metralhadora último modelo, para o macho; um livro de Françoise Sagan, para a fêmea.

Janeiro, uma tarde magnífica — depois de Balzac a sociedade burguesa sentiu-se absurdamente aliviada, pois julgou em estilhaços o seu espelho inflexível (o tal espelho de que Stendhal falava, lembrem-se?), em que todos, assombrados, viam as almas a descoberto como se estivessem em frente de Deus Padre. Os descendentes actuais dessa legião alucinante de personagens da «Comédie Humaine» olham com bonomia o genial escritor e consideram-no ignorantemente de somenos importância, desactualizado, etc. Como se iludem! O dinheiro, o rico dinheirinho, o dinheiro que Balzac considerava superior a tudo, à morte, ao amor, a todos os estados passionais humanos, — o dinheiro, repito, não será ainda a mola real da nossa sociedade, que se diz moderna, mas na qual Balzac, se fosse vivo, apenas estranharia o seu aspecto exterior e meia dúzia de invenções?...

António Macheira

Seja económico

Poupe muito dinheiro
PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

Assinal e propaguei «Notícias do Algarve»

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65

— Telefone 76 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O Instituto de Investigação e Tecnologia

O MINISTRO da Economia enviou à Assembleia Nacional, para ser devidamente apreciado, um projecto de diploma que cria o Instituto Nacional de Investigação, Tecnologia e Economia Industrial.

Pelo relatório dessa proposta, de Lei pode ver-se como o Governo da Nação está dando particular atenção ao progresso tecnológico e à expansão saudável das actividades industriais.

Julgando-se oportuno o momento de pôr ao serviço da indústria portuguesa um organismo que possa contribuir para corrigir, no campo da técnica, o conjunto de factores adversos que têm obstado ao seu desenvolvimento, entende-se que urge modificar a situação de dispersão e primarismo em que ela tem vivido, colocando ao seu serviço — de toda a indústria portuguesa, em geral, e ao da pequena e média indústria, em particular, — esta instituição nova que lhe permita o recurso fácil aos meios de investigação científica e assistencial de que ela cada vez mais necessita e de que forma alguma poderá dispensar, no futuro.

A Assembleia Nacional, que vai discutir atentamente esta importante Lei, presntará, assim, ao País um notável serviço, pela cooperação num aperfeiçoamento que terá enorme repercussão no equilíbrio do mercado interno e nas possibilidades de concorrência nos mercados externos.

Quatro Novos Modelos

«PEUGEOT»

que são o expoente máximo

da indústria francesa

Acabam de ser apresentados no sul de Portugal, através da MOCAR, LDA., e seus Agentes na provincia, os 4 novos modelos dos automóveis PEUGEOT, que provocaram interesse quer na classe automobilística, quer no meio comercial do nosso País. Três deles foram, pela primeira vez, exibidos em Portugal: o «Cabriolet», o «Station familiar 405» e o «Station comercial». Todos de nível sóbrio e linhas elegantíssimas, desenhadas com alto sentido artístico.

O PEUGEOT «Cabriolet» é um carro de 1.500 c. c. de cilindrada, com 60 cavalos de força, 4 cilindros, uma taxa de compressão de 7,4 e pode desenvolver 145 kms. por hora. Este modelo prima pelo seu acabamento e tem uma suspensão ao que assegura o maior conforto. É, sem dúvida, um descapotável de excelente acabamento e dispõe entre 2 a 4 lugares.

O PEUGEOT 405 «Station familiar» tem 4 portas e oferece 7 a 8 lugares, pois é bastante espaçoso, não deixando de ser confortável.

O PEUGEOT «Station comercial», com 5 a 6 lugares para passageiros, pode ser facilmente convertível em auto para transporte de mercadorias até 650/700 kgs. de carga. É uma vantagem praticamente muito importante.

O PEUGEOT 405 «Conduite», já conhecido do público português, volta a apresentar o mesmo interesse dos modelos anteriores: 5 lugares. É também convertível em auto-cama.

Está, pois, de parabéns a MOCAR, LDA. e o seu Agente em Faro, a Firma Manuel Lã, Lda.

COLABORE NA D. C. T.

Inscrevendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos.

PIPAS

500-700 litros de capacidade

COMPRAM

João Pires & Filhos, Lda.

Telefone 18 - FARO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

VIAJAR

Não há como viajar sózinho, sem companheiros que nos distraiam das sensações directas colhidas na paisagem das coisas ou das criaturas. Viajar, na companhia seja de quem for, é renunciar ao prazer de sermos independentes em nossos juízos. E' obrigarmo-nos a contemporizar, um tanto, com as opiniões e estados de alegria ou tristeza de quem conosco participa da viagem. O nosso egoísmo estético não suporta a desconcentração a que obrigam as companhias. Para ouvirmos a música esparsa nas coisas, temos forçosamente de viajar a sós. Só assim a viagem ganha profundidade.

A BIGORNA DOS MIOLOS

Há duas espécies de idetas — as forjadas pelos outros e que, por nós adaptadas, nos ficam um tanto curtas nas mangas, e as forjadas na bigorna dos nossos próprios miolos, as únicas que se nos ajeitam integralmente.

Não podemos, evidentemente, dispensar as idetas congeminadas pelos outros. Chegámos muito tarde, a um mundo muito velho. Fazemos, no entanto, diligências por criar, quanto possível, idetas bem da nossa lavra. Não serão muitas, não serão profundas, não serão amplas, mas são nossas.

DUELO DA ÁGUA MOLE

COM A PEDRA DURA

Já repararam na guerra do mar contra certos leixões? Dura há milénios. Qual de baixo, qual de cima, o mar espumando de raiva, em catadupas que espadanam violentamente sobre o leixão, e este, sombeteiro, rindo do baldado ataque das águas sem fundo e sem fim. E tudo são bramidos do mar levantando altos castelos de espuma sobre o cabeçudo que a nada se move, não havendo turbilhão que o arrede um milímetro. Dá a impressão — o bruto — de ter raios para lá do centro da terra.

...E, no entanto, mais uma vez se verificará que água mole em pedra dura, tanto dá até que fura. Questão de tempo.

IDEAR E TER IDEIAS

Há sua diferença entre ter ideias e idear. No primeiro caso, somos simples bacias de recepção, ao passo que, no segundo, somos fontes de emissão. Para ter ideias, basta adoptar as dos outros. Para idear, teremos de, um tanto como a aranha, tirar a teia de nós próprios, ou aceitar as idetas alheias, com o propósito de fazer delas trampolim para darmos um salto mais adiante. As ideias que adaptamos de outrem ficam-nos sempre algo curtas nas mangas. Só as nossas, as por nós congeminadas em profundidade, se nos ajeitam como a mão à luva feita por medida.

A CRIANÇA E A HIGIENE

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

dade — no qual o indivíduo pratica os princípios higiénicos, não porque uma lei o obrigue, mas porque ao proceder assim actua no mesmo estado de espírito com que se alimenta ou dorme, isto é, por uma necessidade — poderá afirmar-se que esse grupo social reagirá convenientemente contra o meio e acabará por vencer os perigos criados pelas actividades da vida moderna.

Também neste aspecto se verifica entre nós um gravíssimo atraso, continuando a pôr-se de lado as mais urgentes medidas profiláticas, vivendo-se inteiramente entregue às decisões do acaso, o que, muitas vezes, origina as mais variadas deformidades do corpo e do espírito.

E não é somente nas classes inferiores (económica e culturalmente) que se verifica esse desleixo pelos princípios higiénicos, pois grande número das pessoas que constituem a chamada classe culta desconhece as mais rudimentares normas que orientam a defesa do organismo, ou, se as conhecem, raramente as praticam com a aconselhável regularidade, à semelhança de muitos outros actos da vida que se praticam como hábitos.

Tal conduta reflecte-se perigosamente na criação das crianças, contribuindo em grande escala para o aparecimento de moléstias várias, exclusivamente devidas à falta dos cuidados higiénicos exigidos para o normal desenvolvimento do corpo, não se falando da chamada higiene mental,

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário
Armando R. Cruz

UMA CRÓNICA POR SEMANA MAIS CORTIÇA "RECANTOS FARENSES"

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cedem arbitrariamente não são de igual modo responsáveis pelas suas acções? A Lei teria verdadeiramente um efeito moralizador se punisse indistintamente o acusado ou o falso acusador.

Absolver um acusado por se não ter provado a acusação, admite-se. Agora absolver um acusado por se verificar que a acusação não só foi infundada como arbitrária, senão mesmo malévola e atentatória do direito que assiste a cada um, e não punir, com igual severidade à que seria aplicada ao acusado se se provasse a acusação, o acusador, é que nos parece favorecer a chamada «lei de funil».

Talvez que as leis fossem melhor cumpridas e o direito plenamente exercido, com maior respeito pelas funções profissionais e de autoridade de cada um, sem abusos e atitudes irreflectidas, se fosse sempre punido o acusado ou o acusador.

Incomodar um indivíduo honesto, cumpridor das leis mas zeloso, por vezes, dos seus legítimos direitos, coartar a sua liberdade e depois ficar cómodamente instalado na vida, rindo-se — às vezes nas próprias bocanhas de todos —, sem que deixe de ser chamado à ordem e punido como convinha, é que me parece não estar muito certo.

Quem paga os danos materiais e morais de uma detenção indevida? Será humano justificá-la com a necessidade do bem-estar da comunidade? Sinceramente, não o creio.

O nosso foro não vem até aos jornais relatar a sua larga experiência. E' pena, francamente.

Teríamos ensejo de verificar tanta prepotência e de colher magníficas lições que não só aproveitariam a muito boa gente como serviriam de meio profilático para certas epidemias.

Qualquer reles indivíduo

que exerça um modesto lugar — desde guarda de jardim a qualquer outra coisa mais elevada, na hierarquia estatal ou municipal, se julga uma grande personalidade e, a propósito de tudo e de nada, não só alardeia a sua impante superioridade, como reclama em seu favor a intervenção da autoridade.

Depois, se se verifica a sem razão das suas exigências ou abuso de funções, não há — nem mesmo no tribunal — quem o chame à responsabilidade e condene pela sua presunção, enquanto a aqueles que ele não hesitou em acusar e exigir que fossem detidos, por serem apenas uns pacatos cidadãos sem quaisquer cargos especiais reverenciados, são absolvidos, pura e simplesmente, mas jamais indemnizados dos vexames, transtornos e prejuízos que sofreram.

E' tempo de se pôr cobro ao abuso da autoridade — um mal que grassa assustadoramente entre nós e que cria um escol de revoltados que só pode prejudicar e emperrar o bom e normal funcionamento das relações sociais dos indivíduos, da boa e mútua compreensão dos direitos e deveres de cada um. A paz entre os indivíduos é o primeiro passo para a paz do mundo e ninguém, certamente, ousará negar que ela é a principal e fremente necessidade do momento angustioso e periclitante que vivemos.

José dos Santos Marques

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

voura alentejana do Crato: «Na realidade, era urgente impulsionar o interesse por novas sementeiras de sobreiros e olhar com maior atenção para os cuidados a dispensar aos nossos montados de sobreiro. Portugal tem uma produção média anual de 170.000 toneladas de cortiça, o que representa 50 por cento da produção corticeira do Mundo. Se a posição é para nós grandemente proveitosa, pela riqueza que representa, não há dúvida de que nos impõe responsabilidades e nos obriga a olhar para esse sector da produção florestal com o maior cuidado e interesse».

Frisou, ainda, que se torna indispensável que a técnica, a lavoura e a indústria colaborem neste sector do Movimento de Intensificação Agrária, tal como já sucede em outros campos. E referiu-se a outro ponto por se encontrar precisamente numa zona de produção subericola, onde existem várias unidades industriais, atingindo uma delas posição de tão grande importância que merecidamente ocupa um dos primeiros lugares da indústria corticeira nacional. O sr. prof. Vitória Pires declarou a seguir:

«Se atendermos aos elementos colhidos pela Comissão Orientadora do Plano de Fomento Agrário, que permitiram, com a colaboração da Junta Nacional da Cortiça, elaborar a carta

subericola do País, da qual se encontra já publicada a zona Sul e se espera em breve publicar a zona Norte e a zona do Centro, verificaremos que nos 426.865 hectares da zona Sul existem 113.671, equivalentes a quase um quarto da nossa área total de montado de sobreiro, povoado com 5 a 14 árvores por hectare, e 68.626 hectares em que esse povoamento não vai além de 39 árvores, quando a densidade média deveria ser de 75 a 80 indivíduos por hectare. Ao prejuízo resultante desta fraca densidade podemos juntar a circunstância de existirem na zona Sul do País mais de 150.000 hectares de terreno entregues a uma exploração agrícola ruínosa, que muito lucraria se fossem revestidos de sobreiros. Acrescente-se, ainda, a forma deficiente como são explorados alguns montados, embora a acção da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas e da Junta Nacional da Cortiça muito tenha feito, quer no campo de podas e descorticeamento, quer no sector referente a tratamentos contra as pragas como a Lymantria, a Malacozoma e outras.

«Este conjunto de realidades dá-nos uma ideia do muito que se poderá fazer em matéria de subericultura».

Atenção, pois, srs. Lavradores à nova campanha que aí vem, como meio de protecção e valorização do património comum.

A. Boaventura

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

A Campanha contra o pé descalço

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social tem muito prazer em tornar público o honroso officio que gentilmente lhe foi endereçado, a propósito da campanha contra o pé descalço, pelo sr. dr. António Maria Pinheiro Torres, illustre chefe da Delegação no Porto do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo:

Cumprir-me, gostosamente, agradecer a V. as ofertas do livro «O Pé Descalço» — Uma vergonha Nacional.

O sub-título dessa obra sintética, por forma feliz, o que representa esse desmazelo e hábito da gente portuguesa.

Eu sei, mercê das funções que exerço neste departamento, a impressão deplorável com que os estrangeiros ficam ao ver tanto pé descalço, que nos desagrada como nação civilizada.

E' de louvar, de encarecer, de exaltar — toda a campanha contra o pé descalço levada a efeito por essa Liga.

Bem hajam, meus senhores! Renovando os meus agradecimentos, felicitando-os pelo êxito obtido e incitando-os a proseguirem na eminente batalha, no que podem dispor dos nossos serviços em tudo que os auxilie, apresento a V. as minhas homenagens.

D. P.

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

Anúncios e Empregos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

empresários que assim procedem, já que compreendemos perfeitamente e pela força das circunstâncias que todo o recrutamento da força do trabalho está condicionado pelas leis da oferta e da procura. Limitando-nos a comentar um facto de que todos têm conhecimento pela leitura das páginas dos anúncios dos jornais, não podemos calar o que esse hábito constitui de anómalo e desmoralizante para todos os homens que atingindo um certo número de anos se vêem coagidos a permanecerem seres inúteis.

E não podemos deixar de nos espantar, ao verificarmos que um homem de trinta e cinco anos seja considerado, neste país, como um inútil, um indivíduo que já nada poderá dar à sociedade e se veja na angustiosa situação de se tornar um peso morto, um estorvo nessa própria sociedade.

Ou chegar-se-ia, através de estatísticas bem ou pior elaboradas, de gráficos clínicos, a esta certeza desconsoladora de que um homem de quarenta anos é um inválido ou, pelo menos, uma unidade de trabalho nula? Será a velhice prematura apenas inerente a profissões que não exigem elevado grau de especialização? Pois, não sabemos nós que muitos homens começam a sua vida profissional aos trinta e cinco anos?

Independentemente dos anúncios que todos podem ler nos jornais, sabe-se que as empresas bancárias, as dos seguros e outras, utilizam idêntico critério, excluindo dos seus concursos todos os candidatos que excedem o limite de idade que prescrevem como indispensável condição de admissão aos seus empregados. Para essas empresas e outras entidades patronais nunca se procura indagar da soma de conhecimentos, das próprias possibilidades de trabalho, da eficiência profissional — bastando-lhes apenas consultar o bilhete de identidade.

A «Constituição Portuguesa»

graves alterações nervosas que vêm perturbar grandemente a vida do adulto.

António Correia

em vigor, no seu artigo 8.º, consigna e assegura «o direito ao trabalho»; e a Lei 23.048 — Estatuto do Trabalho Nacional, art. 21, diz-nos que «o trabalho, em qualquer das suas formas legítimas, é para todos os portugueses um dever de solidariedade social. O direito ao trabalho e ao salário humanamente suficiente são garantidos, sem prejuízo da ordem económica, jurídica e moral da sociedade.»

A lei não considera e não nos diz que homens, cuja idade ultrapassa os 35 anos, estejam inibidos de trabalhar ou de se lhes negar solidariedade. Há, no entanto, uma idade fática para os homens. E' a que vai dos trinta aos cinquenta anos. Sabíamos, falando em termos biológicos, que essa é a época crítica dos adultos; ficamos agora inteirados e plenamente convencidos, através da leitura de semelhantes anúncios, de que, de facto, assim é. Os homens com uma idade superior a 35 anos encontram-se na contingência de serem considerados como inúteis e incapazes; o seu destino joga-se entre duas forças concorrentes — a juventude, que, possuidora de reservas de energia, lhes disputa os lugares, e os reformados, porque já mais velhos e beneficiando de réditos, se satisfazem com ordenados mais baixos.

Este é o drama implícito nos anúncios dos jornais que exigem aos homens uma idade, um certo número de anos que não ultrapasse os 35 ou exceda os cinquenta.

Rodrigues Pena

VENDE-SE

Propriedade Monte S. Bartolomeu. Dirigir propostas em carta fechada para a Rua de S. Pedro, n.º 21, Faro, ficando-se no direito de não entregar caso as mesmas não interessem.

Clinica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO